

# GÊNERO E RAÇA: A NAÇÃO CONSTRUÍDA PELO FUTEBOL BRASILEIRO\*

MARCOS ALVES DE SOUZA\*\*

## Resumo

Procuo analisar a essencialização da construção da imagem da Nação brasileira, via futebol, tanto no senso comum, como entre autores que dedicaram-se ao assunto, que serão lidos como produtores de representações da construção da imagem da nação. Os potenciais classificadores do gênero e da raça otimizam as narrativas do nacionalismo no futebol brasileiro, e amplificam a carga essencialista da identidade nacional por ele transmitida. Tentando ressaltar pretensas substâncias do povo brasileiro, as ideologias nacionalistas demarcam o pertencimento a uma nação ideal e vitoriosa baseando o estilo brasileiro de futebol, conhecido como "futebol-arte", em supostas características herdadas geneticamente pelos negros do país. Por outro lado, estabelecendo o tipo de cidadania que é pensada para cada sexo, o futebol brasileiro também constrói e comunica as diferenças impostas pela construção da nação a partir das relações entre os gêneros.

**Palavras-chave:** identidade nacional, futebol, nação, gênero, cidadania.

---

\* Recebido para publicação em abril de 1996. Este trabalho é uma versão da segunda parte de minha dissertação de Mestrado "A Nação em Chuteiras: Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro", defendida junto ao PPGAS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, e foi apresentado durante a XX Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), em Salvador, de 14 a 18 de Abril de 1996, em um grupo de trabalho "Gênero e Raça".

\*\* Doutorando em Antropologia, PPGAS-DAN/UnB

Gênero e raça: a Nação...

Este trabalho objetiva demonstrar que a construção da nação propiciada pelo futebol brasileiro utiliza-se dos potenciais classificadores do gênero e da raça, essencializando a identidade nacional transmitida pelo futebol. Em outras palavras, ao analisar a construção da nação a partir do futebol brasileiro estaremos, conseqüentemente, falando de gênero e raça, pois que tal construção está justamente baseada, em grande medida, nos códigos demarcadores de gênero e de raça. Começaremos, portanto, analisando como a nação aparece como tema destacado do futebol brasileiro, para depois demonstrarmos a associação dessa construção da nação via futebol com o universo das relações raciais e entre os gêneros, da forma como são concebidas no Brasil.

### **Uma simbólica da Nação**

Uma elaboração simbólica permitida pelo futebol no Brasil acontece em relação à construção da imagem ideal da Nação. O fenômeno das torcidas de futebol, ou seja, do conjunto de torcedores de cada equipe, podem ser compreendidos, nos termos de Benedict Anderson, como uma **comunidade imaginada**, o que parece ser o mais apropriado para o seu entendimento seja em nível de clubes, seja em nível de cidades, regional, ou, principalmente, nacional.<sup>1</sup>

No Brasil, a filiação futebolística constitui-se num dado tão importante quanto a família e a comunidade de origem ou religiosa. Somos "livres", desde crianças, para escolher nosso time, mas, paradoxalmente, essa escolha geralmente depende tanto da família, quanto do grupo de amigos da criança. Desta forma, o futebol transmite valores como a

---

<sup>1</sup>Conforme Ronaldo Helal, "uma nação é também uma construção cultural, (...) uma 'comunidade imaginada', amarrada a símbolos, rituais e práticas que unem a população em celebrações periódicas com um forte sentido de coletividade. Os esportes de massa modernos possuem um papel importante na formação e reforço deste sentido de coletividade, de nação, de um 'nós', que se situa acima e além das consciências individuais de cada um". HELAL, Ronaldo. "Estádios Vazios, Ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro". In: *Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)* (0), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1994, p.61.

lealdade absoluta a um time, segmentando a sociedade em "coletividades individualizadas e compactas".<sup>2</sup>

No futebol brasileiro, as torcidas das equipes possuem características de nações, sendo freqüentemente assim denominadas nas representações populares.<sup>3</sup> Neste sentido, seguindo as indicações de Benedict Anderson, as torcidas das equipes de futebol são **limitadas**, pois também existem outras, além das "fronteiras clubísticas", de bairros, de cidades, de municípios, de Estados, de regiões ou de Nações. Isto significa que as torcidas de futebol, onde quer que apareçam, serão sempre **relacionais**, com a identidade do torcedor derivando da definição em relação a um outro. As torcidas são também **imaginadas**. Um torcedor de

---

<sup>2</sup>DA MATTA, Roberto. "Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro". In: DA MATTA, Roberto *et alii*. *Universo do Futebol: esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982, p.29. Isto se daria por ser "mais fácil investir a paixão numa equipe, e portanto num clube, que perduram, do que num indivíduo, a quem é dado apenas um curto tempo de rendimento máximo. O torcedor de futebol identifica-se, apesar de todos os ídolos individuais, com um clube, com uma instituição, que simboliza alguma coisa, sem, na maioria dos casos, ser membro dele". ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo, Edusp, 1993, pp.95-96. Acrescentaríamos a torcida pelas equipes de colégios, de bairros, de cidades ou de qualquer outra "instituição" que represente uma coletividade, pois "o ato de 'ser' um time ou de torcer por ele, ou ainda, de pertencer a uma coletividade esportiva, é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior". MURAD, Maurício. "O Lugar Teórico da Sociologia do Futebol". In: *Futebol e Cultura Brasileira... (Pesquisa de Campo) (2)*. Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1995, p.113.

<sup>3</sup>Expressões como "nação alvi-negra", "nação corintiana", "nação rubro-negra" etc. são exemplos disto. Tais "nações" são criadas e identificam-se em oposição umas às outras, sendo que as alianças e inimizades entre elas dependem da combinação entre as rivalidades históricas e a situação atual no campeonato. Conforme Toledo, "o futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições (...) ele recria a cada jogo ou partida diferenças simbólicas entre torcedores". TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, Autores Associados/ANPOCS, 1996, p.104. Além disso, os escudos, bandeiras e cores dos clubes são verdadeiros **ícones sagrados** nacionais, símbolos das nações modernas, conforme Hobsbawm, associados "com ocasiões rituais altamente direcionadas e atos de veneração". HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p.87.

Gênero e raça: a Nação...

futebol não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas **imagina-os** como pertencendo a uma mesma coletividade, uma mesma comunhão. Por fim, as torcidas são **comunidades**, pois são concebidas como uma profunda e horizontal camaradagem, apesar das diferenças existentes dentro delas. As torcidas são compostas por indivíduos de diferentes níveis cultural e sócio-econômico, de diferentes regiões, com graus de envolvimento emocional e material diferentes, e assim por diante. No entanto, elas não deixam de serem concebidas como uma unidade ou uma totalidade única em si próprias. Até um conceito implícito de **soberania** faz-se presente entre as torcidas, só que de uma forma virtual. Se definirmos soberania como a propriedade de fazer valer um conjunto de “leis” específico dentro de um determinado território, também encontraremos soberania no âmbito das torcidas de futebol. Isso em função da própria virtualidade que são os territórios de cada torcida. De certo, cada torcida possui um código de regras que vigora em tempos específicos e/ou em determinados espaços considerados exclusivos de cada uma. Neste sentido, o virtual território de uma torcida materializa-se, em primeiro lugar, na própria sede do clube ao qual está vinculada, de modo permanente. Em segundo lugar, conforme seja dia de jogo da equipe, em determinados bairros e/ou cidades, que passam a serem considerados zonas exclusivas de uma determinada torcida.<sup>4</sup> Por fim, também em dias de jogos, as torcidas ficam separadas nos estádios, reproduzindo a divisão territorial que o próprio jogo estabelece dentro de campo.

A opção por ver as torcidas de futebol como comunidades imaginadas leva-nos a um distanciamento crítico em relação a boa parte da literatura científica especializada em futebol. Adotaremos uma posição diversa de vários desses autores, principalmente por procurarmos por “universais” mais modestos no futebol, relacionados à nação, e não os relacionados à Cultura Brasileira como um todo, como diversos autores o fazem. Porém, este nosso recorte possibilita a utilização destes mesmos autores no que tange o tema da nação, encarando-os como fonte de

---

<sup>4</sup>Sobre esta divisão ver TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Op.cit., pp.39-45.

representações eruditas desse fenômeno. Isto pois, alguns dos intelectuais que estudaram o futebol no Brasil muitas vezes contribuem para a afirmação da nacionalidade, ao tentarem definir a “cultura brasileira” pelo futebol. Ao estabelecerem um padrão analítico que tenta reunir a multiculturalidade do Brasil em modelos explicativos universalistas, onde a comunidade imaginada do futebol brasileiro apareceria com o destaque dessa comunhão cultural, estes intelectuais tornam-se pensadores da nação no e pelo futebol, pois a unidade imaginada no mesmo não é uma unidade cultural, e sim nacional. É a nação, e não a cultura, que é definida como uma comunidade imaginada, e que também é vivenciada e experimentada como apenas uma parte da Cultura e da vida do povo brasileiro. Não se pode definir o que é o povo pelo futebol. Porém, pode-se perceber aspectos relacionados à nação no futebol.

Neste sentido, conforme Vidal e Souza mostra em relação a algumas “ficções históricas” de construção da nação, também no futebol

os pensadores da Nação normalmente formulam suas interpretações próprias da história de sua constituição, bem como traçam os perfis humanos físicos e ‘psico-sociais’ de suas populações. As modalidades de construção do texto são múltiplas, mas em sua maioria organizadas em estilo literário ou ensaístico - sociológico ou histórico. De qualquer modo, estruturam explicações que contêm intenções normativas, desde que estão informadas pelo objetivo maior de pensar o que é a nação. Isto é, revelam escritores atuando na condição de cidadãos.<sup>5</sup>

Alguns estudiosos do futebol no Brasil constroem também ficções da nacionalidade, ao torná-lo paradigma de uma “Cultura Brasileira”. Alguns desses estudos tornam-se explicações hegemônicas ou dominantes, e são apropriados pelo senso comum na auto-definição do futebol nacional. Não queremos com isto desmerecer todo o caminho já percorrido nos estudos sobre o futebol brasileiro. Pelo contrário, tento

---

<sup>5</sup>VIDAL E SOUZA, Candice. “Brasileiros e Brasileiras: O Gênero na Construção da Nacionalidade em Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr.”. Brasília, PPGAS/Universidade de Brasília, 1993, p.10. (Trabalho final para a disciplina Antropologia do Gênero e publicado neste caderno)

Gênero e raça: a Nação...

regatá-los como grandes expositores da nação via futebol, pois podemos entender estes estudos como projetos para a nação brasileira, e toda nação é também um projeto.

O futebol no Brasil está carregado de valores sociais que fazem com que este esporte esteja apto a integrar amplas parcelas da sociedade brasileira, via identificação nacional. Trata-se de um fenômeno social onde uma grande parte da população brasileira, sobretudo masculina, pratique e/ou assista regularmente partidas de futebol. Isto pois, além de ser um esporte que pode ser praticado (precarosamente) com o mínimo de condições materiais, o futebol goza de um tratamento privilegiado por parte dos meios de comunicação de massa <sup>6</sup>, o que faz com que ele seja praticado e assistido em todo país, tornando-se uma das principais manifestações coletivas do país. A imprevisibilidade contida no uso dos pés<sup>7</sup> faz com que o jogador de futebol não tenha que possuir nenhuma característica física especial, correspondendo, segundo Sevcenko, "ao padrão físico médio da sociedade a que ele pertence, o que favorece ainda mais a identificação do torcedor com o jogador".<sup>8</sup>

Gerhard Vinnai chamou a atenção para a associação, na Alemanha, entre o movimento ginástico e a preparação para a guerra,

---

<sup>6</sup>Além da transmissão regular das partidas pela TV e pelo rádio, os principais meios de comunicação de massa possuem, em sua parte jornalística, seções especializadas em esporte, onde o futebol é o principal assunto. Jornais, rádio e televisão contam com a popularidade deste esporte em nosso país, dedicando-lhe um espaço cativo que, em muitas ocasiões, assume uma importância maior, para o público, que os demais assuntos.

<sup>7</sup>Sobre a imprevisibilidade engendrada pelo uso dos pés no futebol ver DA MATTA, Roberto. "Antropologia do Óbvio". *Revista USP* (22), São Paulo, USP, 1994; SEVCENKO, Nicolau. "Futebol, Metrôpoles e Desatinos". *Revista Usp* (22), São Paulo, USP, 1994; e SOUZA, Marcos Alves. "A Nação em Chuteiras: Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro". Dissertação de Mestrado, Brasília, PPGAS-DAN/UNB, 1996.

<sup>8</sup>SEVCENKO, Nicolau. "Futebol, Metrôpoles e Desatinos". Op.cit., p.36. Conforme Nelson Rodrigues, "não há um brasileiro, vivo ou morto, que não tenha na sua biografia uma velha pelada" ("Utopia fatal". In: RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo, Cia das Letras, 1994, p.130).

prelúdio do que viria a acontecer com o esporte<sup>9</sup>. Segundo Vinnai, os dirigentes burgueses do esporte, durante a república de Weimar, chamavam a guerra de "el más hermoso de los deportes".<sup>10</sup> De fato, o esporte pressupõe a existência de formas de conflito, que por sua vez engendram interdependência e cooperação, o que parece caracterizar grupos em guerra. O aspecto de treinamento militar, bem como a associação à guerra do esporte pode ser também encontrado na necessária formação do "nosso grupo" e o "grupo deles". O jogador de futebol torna-se uma figura análoga a um soldado, que deve possuir "garra", "raça" e amor à camisa (ou à sua pátria). Assim, os esportes de massa, conforme Hobsbawm, constituem-se em um meio de identificação nacional e comunidade artificial (imaginada). Em 1969 houve até um conflito armado entre Honduras e El Salvador ("a Guerra do futebol"), cujos dirigentes utilizaram, numa orientação nacionalista, as emoções despertadas pelos incidentes ocorridos numa partida de futebol entre as seleções nacionais dos dois países, válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1970, para ofuscar os verdadeiros interesses econômicos e políticos do conflito.

Essa associação entre esporte e nacionalismo não é, portanto, um fenômeno recente, nem exclusivo do Brasil. Permita-nos o leitor a

---

<sup>9</sup>A associação entre esporte e guerra é relatada frequentemente, nas mais diversas esferas. De fato, conforme Simoni Lahud Guedes, "a analogia da competição no jogo de futebol com a guerra é mesmo um lugar comum na imprensa brasileira. Na linguagem descritiva do jogo de futebol são inúmeras as palavras que remetem a idéia de guerra. Os jogadores lutam, utilizando as armas de que dispõem para conseguir a vitória, que é a conquista do inimigo. Atacante, defensor, ponta-de-lança, tiro, canhão, petardo, tanque, artilheiro, capitão, morteiro, foguete e muitas mais são palavras incorporadas ao linguajar do futebol no Brasil, apontando todas em direção da analogia com a guerra. Em copas do mundo, a analogia é mais flagrante e mais explorada porque está permeada de sentimentos de patriotismo e nacionalismo". GUEDES, Simoni Lahud. "O Futebol Brasileiro – Instituição Zero". Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional, 1977, p.86. Sobre os preparativos prussianos para as guerras contra França e Inglaterra ver VINNAI, Gerhard. *El fútbol como ideología*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974, pp.129 e ss; e HOBBSAWM, Eric. "A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1879 a 1914". In: HOBBSAWM, E. e RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, pp.309-311. Sobre a associação entre o exército e o esporte na República Federal da Alemanha antes da unificação ver VINNAI, Gerhard. Op.cit., p.133.

<sup>10</sup>VINNAI, Gerhard. Op.cit., p.132.

Gênero e raça: a Nação...

transcrição de uma citação de Hobsbawm um tanto extensa para clarificar o assunto:

Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. (...) Os Jogos Olímpicos (...) e as partidas internacionais foram realmente organizados com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas. (...) Entre as guerras, o esporte internacional tornou-se (...) uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período (...) que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de autoafirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo...* . Op.cit., pp.170-171.

No caso do Brasil, a identificação nacional com a seleção nacional de futebol propicia, conforme Guedes, que as avaliações ideológicas do Brasil ocorram "através do desempenho de sua seleção de futebol"<sup>12</sup>, principalmente nas Copas do Mundo, onde não se trata mais de equipes de futebol, mas de sociedades cuja essência é medida pelo futebol.<sup>13</sup> A idéia de unidade nacional a partir do futebol brasileiro está tão enraizada em nossa cultura, que possibilitou a sua utilização como argumento nacionalista.<sup>14</sup> É de conhecimento geral que o regime militar de 64 utilizou o futebol como fonte de prestígio interno e externo, e como instrumento de controle social, na tentativa de legitimar a ditadura. Este não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, como prova o caso da Argentina durante a recente ditadura militar, a "Guerra do futebol" e outros. A união entre futebol e nacionalismo, conforme foi anteriormente mencionado, é ressaltada nos confrontos entre seleções nacionais, quando os conflitos internos de interesses e as estruturas de poder são momentaneamente

---

<sup>12</sup>GUEDES, Simoni Lahud. "O Futebol Brasileiro...". Op.cit., p.43.

<sup>13</sup>DA MATTA, Roberto *et alii*. "Esporte na Sociedade...". Op.cit., p.34. Segundo Dumont, a nação "é duas coisas em uma; por uma parte, uma coleção de indivíduos, por outra, o indivíduo no plano coletivo, em face de outros indivíduos-nações". DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985, p.138. Durante uma Copa do Mundo, a nação transforma-se em indivíduo coletivo que compete com ferocidade com suas congêneres (Cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. "Os Gênios da Pelota. Um Estudo do Futebol como Profissão". Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PPGAS/ Museu Nacional. 1980, p.20). "Vive-se a experiência da identificação nacional, incorporada no desempenho do selecionado e em cada detalhe que o cerca". GUEDES, Simoni Lahud. "O Salvador da Pátria – Considerações em Torno da Imagem do Jogador Romário na Copa do Mundo de 1994". In: *Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)* (1), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1995, p.24. Sobre a nação como indivíduo político ver DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e suas Implicações*. São Paulo, Edusp, 1992, p.357.

<sup>14</sup>Conforme Dumont, "o nacionalismo remete à nação, quer se trate de aspiração de constituir uma nação ou de uma tendência inspirada por sua existência" DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus....* Op.cit., p.356.

Gênero e raça: a Nação...

obscurecidos pelo furor nacionalista. Com relação a essa dramatização do futebol no Brasil, segundo Da Matta

trata-se da reificação que o jogo permite, quando deixa que uma entidade abstrata como um 'país' ou um 'povo' seja experimentada como algo visível, concreto, determinado. Como uma equipe que sofre, vibra e vence adversários. Como um time que reage aos nossos incentivos positivos e negativos. (...) É pelo **futebol**, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais.<sup>15</sup>

o que não é um privilégio do Brasil, como vimos.

Além da identificação nacional com a seleção brasileira de futebol, a nação também é experimentada, no futebol brasileiro, a partir de seus códigos demarcadores de inclusão e exclusão. Se o futebol permite a criação da nação brasileira, ele também requer que se formule critérios de pertencimento a essa coletividade. As representações eruditas e populares revelam que, no Brasil, dentre as várias formas de se praticar o futebol, uma particularmente é mais valorada do que as outras, havendo portanto uma “preferência nacional” pelo que convencionalmente chama-se de “futebol arte”.

### **A Nação construída via “futebol-arte”: as relações raciais do futebol brasileiro**

A identificação nacional, e a própria definição da nacionalidade no Brasil passa, conforme temos visto até aqui, pelo futebol. Porém, apenas um tipo de prática do mesmo é valorizado neste processo de ressaltação de pretensas substâncias do povo brasileiro: o “futebol-arte”.<sup>16</sup> A unidade

---

<sup>15</sup>DA MATTA, Roberto *et alii*. “Esporte na Sociedade...”. Op.cit., p.34.

<sup>16</sup>Dumont advertiu que “uma nação não nasce de um simples tecido de solidariedades sem relação com os valores” DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus...* . Op.cit., p.359, o que pode ser observado, no futebol brasileiro, na “dualidade” existente entre as práticas denominadas “futebol-força” e “futebol-arte”, onde esta última seria a mais valorada, e somente ela definiria o nosso futebol.

imaginada pelo futebol brasileiro acontece sempre em referência a esta prática. É interessante notar que as representações eruditas e populares a respeito desta prática específica baseiam-se em um reducionismo biológico.<sup>17</sup> Pela própria história de sucesso de negros e mulatos no futebol brasileiro, representa-se o nosso estilo de praticá-lo como fundado em supostas características naturais desses jogadores de ascendência negra.<sup>18</sup>

As representações populares do “futebol-arte” associam-no diretamente ao negro. Este seria, para o senso comum, quem possuiria o tipo físico ideal para a prática “maliciosa” da bola, características essenciais do “futebol-arte”. A “biologização” desse discurso é facilmente percebida inclusive pela denominação das características necessárias (e geneticamente herdadas pelos negros) à prática brasileira do futebol: “biotipo”.<sup>19</sup>

O discurso intelectual sobre futebol, ou seja, as suas representações eruditas, também padecem, na sua imensa maioria, da mesma “biologização” no que concerne à explicação do estilo brasileiro de prática de futebol. Ao proporem uma espécie de gramática para o futebol, onde se impõe o uso e a posição corretos e ordenados dos seus elementos constituintes, particularmente os relacionados à nação, os autores comprometem-se com uma “missão cívica”, ou seja, o futebol brasileiro só pode ser corretamente entendido dentro de suas perspectivas

---

<sup>17</sup>Trata-se do processo descrito por Mireya Suárez como naturalização da categoria “negro”, que aqui também será definido como “biologização”. Ver SUÁREZ, Mireya. “Desconstrução das Categorias Mulher e Negro”. *Série Antropologia* (133), Brasília, DAN/UnB, 1992.

<sup>18</sup>Note-se que estamos abordando a questão racial a partir do genótipo, que no entanto, só é abordado em função do fenótipo informado. Ou seja, a partir da aparência física dos jogadores, aqueles que possuam traços negros são considerados pelo “sangue”, daí o uso do termo “ascendência negra”, que contempla negros e mulatos.

<sup>19</sup>Conforme um técnico de futebol recentemente disse “preferir jogadores negros, porque negro é sinônimo de velocidade, ginga e malandragem”. Artur Bernardes em entrevista ao *Jornal do Brasil*, 26/4/92, transcrito de GIL, Gilson. “O drama do ‘Futebol-Arte’: o debate sobre a seleção nos anos 70”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (25), São Paulo, ANPOCS, 1994, p.104.

Gênero e raça: a Nação...

narrativas nacionalistas<sup>20</sup>. São essas gramáticas, ou esses projetos, que, eruditamente, deixam-se representar ideologias nacionalistas baseadas no código de gênero e de sexualidade, conforme serão analisados mais adiante, e no código de raça, que passo agora a analisar. Além de ser concebida pela língua, conforme Benedict Anderson assinalou<sup>21</sup>, a nação também é concebida pelo sangue, como demonstra o caso do “futebol-arte”.

Efetivamente, o futebol foi adotado no Brasil como se fizesse parte da nossa cultura, sendo supostamente praticado dentro de um estilo classificado pelo sugestivo nome de “futebol-arte”. O “futebol-arte” funciona como um “tipo ideal” inserido numa visão de mundo paradigmática para os apreciadores brasileiros do futebol.<sup>22</sup> A construção da imagem da nação brasileira ideal e vitoriosa, via futebol, tem como código demarcador de pertencimento a este coletivo o “futebol-arte”. Conforme Gilson Gil,

O futebol brasileiro é caracterizado por seus 'pensadores' acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Portanto, seria uma característica inerente aos brasileiros 'jogar bola' de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup>Este é um fenômeno semelhante ao descrito por Candice Vidal e Souza com relação a autores como Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr. na construção da imagem ideal da nação. Ver VIDAL E SOUZA, Candice. “Brasileiros e Brasileiras...”. Op.cit.

<sup>21</sup>ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Ática, 1989, pp.156-162.

<sup>22</sup>O futebol sul-americano, em geral, também é designado por essa expressão, apesar de alguns autores acharem que o repertório futebolístico do “futebol-arte” ser “nosso patrimônio autêntico e exclusivo”. VOGEL, Arno. “O Momento Feliz, Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional”. In: DA MATTA, Roberto *et alii*. *Universo do Futebol...* . Op.cit., p.87.

<sup>23</sup>GIL, Gilson. “O drama do ‘Futebol-Arte’...”. Op.cit., p.100.

É também o “futebol-arte” que permite a representação de um povo alegre, criativo e artístico.<sup>24</sup>

Parece ter sido a partir de 1962 que o Brasil começou a ser considerado internamente como o "país do futebol", fato explicado pelo êxito obtido em duas copas de mundo consecutivas. Isto possibilitou que um discurso antigo sobre uma "brasilidade" no futebol se tornasse o discurso "oficial" sobre o futebol brasileiro. Tal discurso, que vinha desde os inícios da urbanização<sup>25</sup>, processo concomitante à introdução do futebol, apregoava que o futebol era importado, mas a forma brasileira de praticá-lo não, e baseava o estilo brasileiro de jogar futebol na força, na energia própria, na *Trieb* do nosso povo. Essa *Trieb* conteria uma boa dose de "malandragem e ginga", características “inatas” ao brasileiro, ser “híbrido” por exelência. Nota-se, portanto, que a construção do discurso sobre o estilo brasileiro de prática de futebol fundamenta-se em pressupostos “biologizantes”, já que o mesmo está baseado nas “diferenças” raciais “inatas”, ou seja, ao “futebol-arte” é atribuída a característica de fixidez da natureza. Concordamos, portanto, com Vidal e Souza, para quem no Brasil, “a definição do cidadão nacional está fundada na suposta existência de determinações biológicas e/ou invariáveis ontológicas responsáveis por suas características exclusivas”<sup>26</sup> o que pode ser observado no caso do futebol.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Id., ib., p.105.

<sup>25</sup> O futebol, conforme Sevcenko, está intimamente relacionado à urbanização e aos fenômenos de migração, substituindo os antigos laços e instituindo novos traços de identidade e de solidariedade coletiva. Ver SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, Metrôpoles e Desatinos”. Op.cit., pp.33-36.

<sup>26</sup> VIDAL E SOUZA, Candice. “Brasileiros e Brasileiras...”. Op.cit.

<sup>27</sup> Para Maurício Murad, por exemplo, o futebol, “por ser a mais expressiva manifestação da cultura popular do país, ofereceu-se naturalmente aos negros como um dos mais propícios terrenos sociais (também o samba) dessa atitude afirmativa. (...) Indubitavelmente foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como de sua descendência inglesa imediata”. MURAD, Maurício. “Corpo, Magia e Alienação – O Negro no Futebol Brasileiro: Por uma interpretação Sociológica do Corpo como Representação Social”. In: *Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)* (0). Op.cit., p.75.

Gênero e raça: a Nação...

Conforme a crítica a esta visão formulada por Meihy, "o 'jeitinho' derivado da 'malandragem' conferiria ao brasileiro, etnicamente indeciso, uma maneira peculiar: (...) o samba seria sua manifestação rítmica e o futebol o esporte".<sup>28</sup> Os jogadores negros e mestiços seriam os principais artesãos do estilo brasileiro de futebol.<sup>29</sup>

É interessante notar que, ao mesmo tempo que esse discurso apregoava a diferença do nosso futebol em relação aos estrangeiros, havia uma necessidade recorrente de reconhecimento disto por parte da imprensa esportiva internacional.<sup>30</sup> De qualquer forma, a demarcação de pertencimento do "futebol-arte" está presente tanto nas representações populares como nas eruditas do futebol no Brasil.

Esse discurso da "brasilidade" no futebol instruída pelos "códigos raciais" é encontrado entre vários autores que se ocuparam do futebol. Neste sentido, Gilberto Freyre utilizou o futebol como exemplo de mais um caso de "hibridismo tropical", classificando o nosso estilo futebolístico de "dionisíaco", em oposição ao "apolíneo" futebol inglês. Segundo Freyre,

---

<sup>28</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "Para que serve o Futebol?". In: *Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, p.15.

<sup>29</sup> cf. LOPES, José Sérgio L. "A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada". *Revista USP* (22), São Paulo, USP, 1994, p.75.

<sup>30</sup> Este reconhecimento realmente acontecia como pode ser visto na seguinte citação de uma obra de 1954, antes, portanto, de o Brasil ser campeão mundial, e consagrar-se internacionalmente: "O jogo dos brasileiros é aquele que nos parece ter atingido o mais alto grau de refinamento. Suas equipes compreendem um grande número de jogadores de cor, que praticam um futebol instintivo, um futebol no estado de natureza, poder-se-ia dizer, tanto seus movimentos, gestos, mobilidade são fáceis e desenvoltos. O que nós tomamos por refinamento não é senão a expressão de suas aptidões naturais, de um gosto inato pela manipulação da bola. As qualidades de flexibilidade das quais fazem prova são bem as de sua raça (...) nas suas excursões pela Europa sejam na maioria das vezes vitoriosos, consagrando o grande mérito de sua técnica". PEFFERKORN, Maurice. "Les écoles de football", citado em LOPES, José Sérgio L. "A Morte da Alegria do Povo". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (20), São Paulo, ANPOCS, 1992, p.124. Esta citação demonstra que a fundamentação biológica para estilos de prática de futebol não é exclusividade do Brasil.

o jogo brasileiro de foot ball é como se fosse dança. Isto pela influência, certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos na sua cultura: eles são os que tendem a reduzir tudo a dança - trabalho ou jogo - tendência esta que parece se faz cada vez mais geral no Brasil, em vez de ficar somente característica de um grupo étnico ou regional. (...) É como uma espécie de bailarino da bola que o brasileiro vem criando um futebol já universalmente famoso. E nacionalmente brasileiro.<sup>31</sup>

O paradigma desse dionisíaco jogador brasileiro, nos tempos de Freyre, era Leônidas da Silva, mais criativo e mais emotivo que o apolíneo Domingos da Guia, mais sóbrio e não totalmente emancipado de suas origens britânicas. Neste sentido, o paradigma brasileiro "estaria mais próximo do irracional que do racional".<sup>32</sup>

A mesma orientação de Freyre pode ser encontrada em Mário Filho, autor de uma obra consagrada ao discurso da "brasilidade" e da "democracia racial": *O Negro no Futebol Brasileiro*, onde podemos encontrar uma variada gama de representações populares, e algumas eruditas das relações raciais e do negro no futebol. Freyre, inclusive, escreveu o prefácio desta obra. Para Mário Filho, a incorporação dos negros como jogadores de futebol no longo do processo de desenvolvimento deste esporte no Brasil, além de fundar o nosso estilo de praticá-lo, demonstraria a "democracia racial" brasileira. Porém, nem todas as características do negro seriam desejáveis, e portanto "democráticas", para Mário Filho. Pelé seria um exemplo de negro "democrático", e a sua idolatração veio a calhar para as aspirações "internacionalizantes" do futebol brasileiro, isto é, o seu reconhecimento mundial. Também propiciou a celebração dos atletas negros como símbolo nacional pelo pensamento

---

<sup>31</sup> FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional/Edusp, 1971, p.97.

<sup>32</sup> GIL, Gilson. "O drama do 'Futebol-Arte'...". Op.cit., p.101.

Gênero e raça: a Nação...

social brasileiro. É sabido que esta fase de "democracia racial" no pensamento social é marcada pela ocultação dos aspectos socio-econômicos do racismo brasileiro, ao proclamar como um avanço de tolerância racial a inserção do negro em "várias" atividades da vida social nacional. Em suma, o discurso de Mário Filho está permeado pela máxima "negro (só) é bom para samba e futebol". Conforme Levine,

promovido pelos intelectuais, pela imprensa e televisão, e pela classe dominante, como um símbolo de brasilidade, o futebol atingiu o ápice de sua influência quando os negros, como Pelé, foram reconhecidos dentro do sistema. O apogeu do orgulho e da afirmação nacionais, que acompanhou as vitórias das três Copas do Mundo, não poderia sequer ter sido imaginado em outras circunstâncias.<sup>33</sup>

Pode-se afirmar que este discurso da "brasilidade" do futebol foi continuado, no meio intelectual, por uma associação entre o futebol e o carnaval. O brasileiro seria definido a partir destas suas duas manifestações, acompanhadas da dança, da música e da religião. O futebol como expressão popular típica brasileira é encontrado, por exemplo em Klintowitz, para quem "os músculos flexíveis, a habilidade corporal, a liberação do movimento, a criatividade e o ritmo, a alegria da manifestação espontânea, o balanço e o som de um povo tropical, musical e praieiro"<sup>34</sup>, era encontrada no futebol. Da Matta também ressalta que seria a "mandragem" e o "jogo de cintura" que definiria a prática brasileira do futebol, sem, no entanto, discutir a sua origem.<sup>35</sup> Acaba-se por definir o

---

<sup>33</sup> LEVINE, Robert M. "Esporte e Sociedade: o caso do futebol brasileiro". In: MEIHY, J.C.S.B. e BERTOLLI Filho, C. (Orgs.) *Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982, pp.42-43.

<sup>34</sup> KLINTOWITZ, Jacob. "A Implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol – 1978". *Encontros com a Civilização Brasileira* (5), Rio de Janeiro, 1978, p117.

<sup>35</sup> "É sabido no Brasil que o futebol nativo tem "jogo de cintura"; ou seja, malícia e mandragem. (...) (no jogo de cintura e na mandragem) em vez de enfrentar o adversário de frente, diretamente, é sempre preferível livrar-se dele com um bom movimento de corpo, enganando-o de modo inapelável (...) (Assim, Carnaval e futebol são) instrumentos básicos

futebol e o povo pelo jeito, o que parece repetir as idéias de Freyre, em função das explicações instintivas e raciais. Concordamos, portanto com Luiz Felipe B. N. Flores, para quem a identidade nacional estaria mais próxima da natureza ou da transcendência. Isto ficaria nítido

quando imaginamos que o (no singular, no fundo) brasileiro é alguma coisa de originário e fixo e que se torna visível em qualidades permanentes ('preguiçoso' ou 'trabalhador', p. ex.) ou em festas ou jogos (como o carnaval ou o futebol). A idéia de um futebol sinônimo de 'local' da 'brasilidade' implica que o substantifiquemos e passemos a querer saber não quais são os seus efetivos jogos como o que ele é, como ele 'é' em sua 'essência'. Na busca dessa essência originária, identitária e trans-histórica (ou a-histórica) o que se acaba por fazer é restar em um especular jogo de inter-remissões e re-conhecimentos: o brasileiro é assim porque o carnaval/futebol é assim porque o Brasil é assim e, assim, *ad infinitum...*<sup>36</sup>

A atribuição destas características lúdicas e coletivamente irresponsáveis, e portanto, não sérias, ao futebol e ao povo brasileiro é a demonstração que a comunidade imaginada representada por ele está baseada na naturalização de características culturais, o que por sua vez pode ser entendida como um efeito colateral da discriminação racial no futebol, e das próprias relações raciais no Brasil.<sup>37</sup>

---

de manifestação da identidade nacional no caso brasileiro". DA MATTA, Roberto *et alii*. "Esporte na Sociedade...": Op.cit., pp.28 e 33.

<sup>36</sup>FLORES, Luiz Felipe B.N. "Futebol, os Jogos – 1º Turno". In: *Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)* (1), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1995, pp.16-17.

<sup>37</sup>Conforme Gordon Jr. "durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou ora como elemento integrador (louvando as características supostamente negras e mestiças do nosso futebol, como 'ginga', 'malícia' e 'arte'), ora como diferenciador (ressaltando as velhas idéias de inferioridade negra, incapacidade mulata). Conquistas e derrotas brasileiras em nível mundial marcavam os avanços e recuos do processo". GORDON Jr., Cesar C. "História Social dos Negros no Futebol Brasileiro". In: *Futebol e Cultura Brasileira (Pesquisa de Campo)* (2), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1995, p.73.

## Gênero e raça: a Nação...

A discriminação racial no universo do futebol brasileiro participou de um fenômeno que Da Matta definiu como "a maior tragédia da história contemporânea do Brasil". Na copa do mundo de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade, e à fatores raciais. Ou melhor, a "falta de masculinidade" de negros e mulatos seria reponsável pela nossa derrota. O negro e o mulato são representados quase como afeminados. Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdulio Varela, capitão do time uruguaio<sup>38</sup>, ambos escolhidos, justamente, por possuírem ascendência negra.

A maioria dos jogadores da seleção brasileira de 1950 era formada por negros e mulatos, assim como a própria população brasileira, e isto não era considerado uma virtude pelo pensamento social.<sup>39</sup> Na copa de 1954 na Suíça, a seleção brasileira foi eliminado pela da Hungria, e novamente a

---

<sup>38</sup>A crônica esportiva dá o tom do que se pensou na época: "Mandamos para o campo um escrete apavorado que correu do berro do Obdulio Varela" ("O nosso Obdulinho". In: RODRIGUES, Nelson. *O Sapo de Arubinha*. São Paulo, Cia das Letras, 1994, p.43); "o que nos doeu mais foi o contraste entre a garra uruguaia e a quase passividade brasileira" ("O ideal de 16 de julho". In: RODRIGUES Filho, Mário. *O Sapo de Arubinha*. São Paulo, Cia das Letras, 1994, p.202); "a passividade com que suportamos a derrota ultrajante, e, posteriormente, o conceito duvidoso que em Montevidéu se fazia da capacidade de luta do povo brasileiro - tudo isso envenena o coração do nosso futebol" ("História com dois enes". In: NOGUEIRA, Armando. *Bola na Rede*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editores, 1974, p.120).

<sup>39</sup>A atribuição da culpa pela derrota em 1950 à composição somática da seleção brasileira pode ser observada neste exemplo: "mas a franqueza que nos leva a reconhecer o empenho de cada um dos nossos jogadores naquele embate, convence-nos de que alguma coisa faltou, alguma coisa que, em forma de desequilíbrio dos nervos, não lhes permitia aliar ao seu desejo de vitória uma atuação firme, eficiente e produtiva. Confessamos não poder fixar aqui, para não avançarmos em terreno estranho e perigoso, as causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas" (*O Estado de S.Paulo*, 6/7/54, reproduzido em NOGUEIRA, Armando, SOARES, Jô e MUYLAERT, Roberto. *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo, Cia. das Letras, 1994).

culpa da derrota foi atribuída ao medo, e à "tremedeira" dos jogadores brasileiros, na maioria negros e mulatos.<sup>40</sup>

Somente na copa de 1958 na Suécia, quando o futebol brasileiro começou a obter sucesso nas suas ambições internacionais, foi que o negro e o mulato conseguiram serem aceitos pelo pensamento social brasileiro, pois os jogadores da seleção nacional "venceram como sonhávamos que vencessem: no peito, na raça e no futebol. (...) não tremeram, não exitaram, não tiveram um momento de dúvida ou de fraqueza".<sup>41</sup> Porém, foi só durante esta copa, depois de resultados não satisfatórios nos primeiros jogos, que Pelé e Garrincha, os maiores jogadores brasileiros de todos os tempos, um negro e um mulato, foram escalados para atuar, e ganhar a copa com destaque. Houve, portanto um esquecimento construído do papel do negro nas copas antecedentes. A memória do futebol foi, neste caso arbitrária e essencialista; pois, o que ficou para a posteridade foi a "grandeza" com que o negro brasileiro conquistou o primeiro campeonato do mundo, de onde se perpetuou o discurso que baseia o estilo brasileiro de futebol em características "naturais" do negro.<sup>42</sup> Como este discurso também está construindo uma imagem ideal de nação (vitoriosa), utiliza-se uma linguagem "biologizante" na definição da essência do ser brasileiro. Daí, o uso de temas como raça (e também de sexo, conforme veremos adiante) nas descrições do caráter nacional do futebol; o que causa a essencialização e naturalização da cultura, ou seja, "o campo normalmente entendido como terreno das transformações humanas, plenamente livre para a criatividade e a intervenção social, adquire as características de fixidez da natureza".<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup>"Na hora da batalha de Berna, o time brasileiro entrou em campo visivelmente amedrontado. Inseguro. (...) o Brasil tremia nas bases" ("Hungria 54: Um time vertiginoso". In: NOGUEIRA, Armando, SOARES, Jô e MUYLAERT, Roberto. *A Copa que ninguém viu...* Op.cit., p.46). "Os jogadores tremeram em Berna, em 54, porque, aqui, já tremíamos diante das assombrações húngaras". ("No peito, na raça e no futebol". In: RODRIGUES Filho, Mário. *O Sapo de Arubinha*. Op.cit., p.240.

<sup>41</sup>Id., ib.

<sup>42</sup>Perdíamos porque éramos um povo mestiço ('emocionalmente instáveis', 'moralmente fracos'), vencíamos porque éramos um povo mestiço ('cheios de ginga e malícia', 'artísticos', 'musicais')". GORDON Jr., Cesar C. "História Social dos Negros...". Op.cit., p.75.

<sup>43</sup>VIDAL E SOUZA, Candice. "Brasileiros e Brasileiras...". Op.cit., p.6.

Gênero e raça: a Nação...

Em outras palavras, a atribuição de características negras como fundantes do nosso futebol, devido ao sucesso do negro nesta esfera de atividade, é dada como hereditária, ao invés de ser explicada em função do racismo de nossa sociedade. Conforme Lúcia H. Corrêa,

o negro sabe que o que leva - não apenas uma raça, mas qualquer ser humano - a superar-se é o alto grau de dificuldade que se antepõe àquilo que ela realmente deseja. Numa sociedade racista, com as características da nossa, para o negro não basta ser bom. É necessário ser ótimo. É indispensável ser exelente. O melhor. (...) O mesmo racismo que emperra o negro para a superação de si próprio e, daí, para o sucesso, (...) na primeira falha cobra-lhes a concessão de um dia tê-los deixado galgar os degraus da fama. Do negro cobra-se 'alma branca'.<sup>44</sup>

Em função da pressão social sobre si, o negro deve, como aliás qualquer outro ser humano, aprender a jogar futebol, mas deve aprender a jogar de uma forma extraordinária para poder se sobressair. A prática do futebol se define por um conjunto de "técnicas corporais", como diria Marcel Mauss, e que, portanto, são transmitidas culturalmente aos seres humanos, sejam eles de que raça, origem, religião e sexo forem. Com o "futebol-arte" não é diferente. Assim, acreditar que o negro e o mulato pobres não precisam aprender a jogar futebol, pois não possuem instrutores, aprendendo nas ruas através de sua intuição desenvolvida pela por meio do uso de "bolas de meia"<sup>45</sup> não elucida o problema. O talento do jogador pobre, seja ele de que raça for, é desenvolvido justamente com bolas que dificultam o seu domínio, como as "bolas de meia", em campos que também oferecem-se como obstáculos para o prosseguimento ideal do futebol. Estas práticas populares sob condições adversas também são

---

<sup>44</sup> CORRÊA, Lúcia Helena. "Racismo no Futebol Brasileiro". In: DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e Poder*. Petrópolis, Vozes, 1985, pp.32-33.

<sup>45</sup> cf. GIL, Gilson. "O drama do 'Futebol-Arte'...". Op.cit., p.104.

formas de treino e aprendizagem, sendo inclusive muito eficazes, já que apesar das más condições, ainda assim pratica-se futebol, sobressaindo-se em condições ideais. Em outras palavras, é justamente por ser aprendido informalmente e em condições adversas que o futebol das ruas pode vir a tornar-se de excelente nível técnico em condições ideais.

Continuando nossa análise das representações eruditas do futebol brasileiro, segundo Da Matta o paradigma do futebol europeu, o "futebol força", seria um instrumento de coletivização, em nível pessoal ou das massas. Baseado na eficácia empírica de seus treinamentos "científicos", o "futebol-força" pressupõe uma disciplina tática e atlética, pois que, velocidade, resistência, força e objetividade caminham juntos na sua concepção. Os europeus seriam, assim, "duros de cintura", tendo que privilegiar o jogo em conjunto. Isto seria o oposto do futebol brasileiro, ou "futebol-arte", espécie de futebol "do menor esforço", onde "quem corre é a bola".<sup>46</sup> Esta comparação entre estilos de prática de futebol demonstram que o "estilo europeu", ou sua suposta essência, também são representados por Da Matta com base em características supostamente "naturais". Natural seria também a associação do europeu com o conhecimento científico, afastando os brasileiros desta esfera e atribuindo-lhes, conseqüentemente, características não sérias.

Da Matta definiu o futebol brasileiro como um futebol de beleza e exibição, onde a capacidade de improvisar de seus jogadores permitiria uma criatividade estética gratuita (como na arte). De fato, a descontração tática do nosso futebol o promove a fonte de individualização, e a *locus* de possível expressão individual. Porém, sob esta ótica, os jogadores brasileiros jogariam bem porque seriam dotados de supostas qualidades naturais intrínsecas, como o talento individual e o gênio natural, que seriam expressos pela sua habilidade, malícia e espontaneidade. Segundo Gil, "o jogador brasileiro já nasceria com um dom: o de possuir uma técnica

---

<sup>46</sup>Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino conseqüentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a idéia de futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnalizante" (DA MATTA, Roberto. "Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Entrevista)". In: *Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)* (1), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/ UERJ, 1995, p.7). A cientifização do "futebol-força" é apresentada quase como um dado da natureza, pois os europeus são sempre apresentados como "duros de cintura", devendo desenvolver-se cientificamente para obter sucesso.

Gênero e raça: a Nação...

inigualável para esse esporte, sendo preciso apenas soltá-lo em campo".<sup>47</sup> Estas características do jogador brasileiro, que aliás tornam o nosso futebol competitivo e vitorioso, são melhor entendidas em relação com um sistema de valores existente nas representações do que deve ser a prática ideal do futebol entre os brasileiros. Devemos devolver à cultura o que é da cultura.

Desta forma, o que caracterizaria o futebol brasileiro, segundo Da Matta, seria o controle e o toque de bola, bem como a ginga, a versatilidade e a intuição de seus jogadores: "o futebol brasileiro representa-se a si mesmo" e é representado, "como uma modalidade caracterizada pelo uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver".<sup>48</sup> Conforme Gil, este aspecto estético privilegia a relação entre jogador e torcida, evitando que o futebol brasileiro fosse visto apenas como competição. Portanto, todos estes aspectos são os que são valorados positivamente pela nossa "cultura futebolística". Analisemos mais profundamente esta questão.

José Carlos Bruni afirma que os nossos jogadores costumeiramente criam "em microsituações que não duram mais que frações de segundo, uma solução não prevista pela técnica, pelas regras da tática e da estratégia".<sup>49</sup> Ainda segundo Bruni, o típico jogador brasileiro deve "fazer de seu corpo um conjunto de signos indecifráveis para o adversário, dominar a arte do drible, da condução maliciosa e ardilosa da bola, numa exibição permanente de habilidade e raciocínio rápido".<sup>50</sup>

José Sergio Leite Lopes,<sup>51</sup> em seu artigo sobre o jornalismo esportivo e o negro no futebol brasileiro,<sup>51</sup> percebeu uma oposição, fundamental para os nossos propósitos, entre "classicismo" e "romantismo", na concepção do futebol brasileiro. O pólo clássico é encontrado no modelo "apolíneo" de Freyre, enquanto o romântico estaria no seu modelo "dionisíaco". De fato, o futebol brasileiro, em sua concepção, fornece um quadro físico-moral onde encontra-se uma tensão permanente entre o espírito romântico e sensível, representado pelo "futebol-arte", e o espírito clássico do esporte, representado pelo "futebol-força". Este último mais racional e mais afastado

---

<sup>47</sup> GIL, Gilson. "O drama do 'Futebol-Arte'...". Op.cit., p.102.

<sup>48</sup> DA MATTA, Roberto. "Antropologia do Óbvio". Op.cit., p.16.

<sup>49</sup> BRUNI, José Carlos. "Apresentação". *Revista USP* (22), São Paulo, USP, 1994, p.8.

<sup>50</sup> Id., ib.

<sup>51</sup> Ver LOPES, José Sérgio L. "A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada". Op.cit.

do sensível do que o primeiro, que por sua vez é relacionado à miscigenação, uma metáfora de luta por uma identidade nacional. Essa tensão promoveu uma "crise paradigmática" de valores no nosso futebol nos últimos 20 anos, conforme observou Gilson Gil.

Nestes termos, o romantismo do futebol brasileiro possui um caráter anti-normativo que apregoa que o jogador em campo deve ser um "indivíduo desigual": "o apropriado seria o pessoal, o afetivo como criador de jogadas, de interação entre time e torcida. (...) Este indivíduo singular é ligado à vida, à arte e à tragicidade da existência".<sup>52</sup> A este indivíduo do romantismo, que tenta recuperar o que o homem tem de arbitrário, de mais específico, opor-se-ia um indivíduo mais cosmopolita identificado com o iluminismo, obediente a sistemas rígidos (o que provoca a uniformidade dos jogadores), e que privilegia o uso da força física, vendo a paixão como fonte de erro.

Essa tensão entre romantismo e classicismo é observada também nas discussões acerca de como deve ser o esquema tático da seleção brasileira. Desde a década de 70, conforme verificou Gilson Gil, há uma alternância na visão do que deve ser adotado como esquema tático, representado pela oposição antigo/moderno, onde o "futebol-arte" e os treinadores que o privilegiavam passam a ser encarados como "conservadores". O progressista é relacionado ao teórico, ao pragmático, científico e racional. Joga-se pelos resultados, sendo o aspecto estético desprezado.

Neste sentido, houve momentos, nos últimos 20 anos, em que essas duas posições alternaram-se na concepção de jogo da seleção brasileira, com um leve predomínio da que se associa ao "moderno". Porém, a verdadeira essência do futebol brasileiro, o seu *ethos*, é encontrada no seu romantismo, como pode ser observado pelo fato destes comandos racionais da seleção serem alvos de ferrenhas críticas por parte da crônica esportiva e do público torcedor. Assim, apesar de a Copa de 1994 ter reconhecido o mérito de um Dunga, símbolo do jogador combativo no "futebol-força" (cujo estilo havia sido muito criticado, enquanto o Brasil não ganhava novamente uma Copa do Mundo), a consagração do Brasil

---

<sup>52</sup>GIL, Gilson. "O drama do 'Futebol-Arte'...". Op.cit., pp.102-103.

Gênero e raça: a Nação...

deu-se principalmente através de Romário, representante do “futebol-arte”.<sup>53</sup>

No Brasil, a uma equipe não basta apenas vencer: ela deve também “convencer”, ou seja, mostrar uma superioridade nítida sobre o adversário, o que é conseguido com a obtenção de muitas chances de gol, bem como pelo brilho do “futebol-arte”. O futebol no Brasil é uma arena, onde brilho individual e espírito de equipe não são excludentes, e em alguns casos, são desejados concomitantemente. Nestas oportunidades, o futebol brasileiro parece mais ser um jogo coletivo praticado individualmente.

As características singulares do futebol brasileiro devem ser entendidas, portanto, em relação aos valores que lhes são imputados, pois a criação de uma nacionalidade, ou o seu projeto, requer a sua própria codificação, através de classificações, posicionamentos e distinções, definindo “quais são e como devem ser seus elementos formadores. (...) Ao fazer demarcações, o pensamento nacionalista rompe com a indiferenciação na atribuição de identidades coletivas, estabelece descontinuidades ao outorgar valor às diferenças”.<sup>54</sup> No posicionamento simbólico do futebol brasileiro, o “futebol-arte” é a prática valorizada positivamente pelo nosso *ethos* futebolístico. As outras formas de se praticar o futebol (inclusive o “futebol-força”) também existem no futebol brasileiro, sendo, apenas, menos valorizadas. O “futebol-força” está implicitamente submetido ao “futebol-arte”, no que Dumont definiu como o “englobamento do contrário”<sup>55</sup>. O “futebol-força” é uma parte, ou uma

---

<sup>53</sup>Conforme Helal e Murad, “o fato da Seleção Brasileira de 1994 jogar um futebol considerado mais ‘moderno’, com muita aplicação tática e poucos dribles, foi visto com desconfiança pela população que apesar de celebrar a conquista, não demonstrou se reconhecer naquele estilo de jogo e elegeu Romário o ídolo da nação, justamente o jogador que mais guardava as características do ‘futebol-arte’.” HELAL, Ronaldo e MURAD, Maurício. “Alegria do Povo e Don Diego: Reflexões sobre o Êxtase e a Agonia de Heróis do Futebol”. In: *Brasil: Futebol Tetracampeão...*. Op.cit., p.65.

<sup>54</sup>VIDAL E SOUZA, Candice. “Brasileiros e Brasileiras...”. Op.cit., p.7.

<sup>55</sup> Trata-se de uma “relação hierárquica (...) que existe entre um todo (ou um conjunto) e um elemento desse todo (ou conjunto): o elemento faz parte do conjunto, é-lhe, nesse sentido, consubstancial ou idêntico e, ao mesmo tempo, distingue-se dele ou opõe-se-lhe. Não existe outro modo de o exprimir, a não ser justapondo em dois níveis diferentes essas duas proposições que, tomadas em conjunto, se contradizem”.

esfera do conjunto do futebol brasileiro (que tende a identificar-se com o "futebol-arte") valorizada negativamente face ao valor positivo imputado a este conjunto.

Neste sistema de valores que permeia o futebol brasileiro, uma categoria central que recebe, geralmente, uma valoração positiva é o **talento**. O talento seria uma característica inata, rara, singular, específica e exclusiva de cada jogador que o possuir. Ele serve como um classificador social que divide os jogadores em grupos distintos, tornando-os especialistas em funções, posições e faixas de terreno que permitem a adequada utilização de suas aptidões específicas.<sup>56</sup> Os jogadores de futebol podem ter, portanto, talento para várias coisas. Os jogadores de alta qualidade técnica, os chamados "craques", por exemplo, ocupam, preferencialmente, as posições do "meio-de-campo", devendo também possuir "visão de jogo", ou seja, a capacidade de enxergar todo o campo, inclusive quando está dominando a bola. É neste setor do campo que se define as vantagens territoriais das equipes, bem como é onde "ocorrem os lances de maior efeito estilístico".<sup>57</sup> O atacante também é bastante valorizado, devendo possuir uma boa noção de espaço e tempo que se traduz pela expressão futebolística "oportunismo". Outros jogadores têm talento para a "catimba"<sup>58</sup>, onde procura-se retardar ao máximo o prosseguimento de uma partida, "administrando a vantagem" ou evitando tomar gols, mediante o uso dos mais variados artifícios.

Uma outra característica definidora de talento muito valorizada pelas representações eruditas e populares nos jogadores de futebol é o drible, onde o jogador que está com a bola procura vencer a oposição direta de um jogador adversário, mediante uma "simulação" ou "fingimento" de uma intensão de progressão com a bola, que é finalmente abandonada pela verdadeira progressão do jogador e da bola. Neste momento, é tarde

---

DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Op.cit., p.129.

<sup>56</sup> cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. "Os Gênios da Pelota...". Op.cit., pp.30-34.

<sup>57</sup> PRADO, Decio de Almeida. "Dois Textos". *Revista USP* (22), São Paulo, USP, 1994, p.24.

<sup>58</sup> Catimbeiro é o jogador que "usa a violência e a ofensa física e moral de forma sub-reptícia e disfarçada, impedindo as punições regulares da arbitragem, como sua principal arma". GUEDES, Simoni Lahud. "O Futebol Brasileiro...". Op.cit., p.90.

Gênero e raça: a Nação...

demais para que o jogador adversário, ao ser enganado pela simulação inicial, retome uma posição de combate direto, permitindo que o jogador que efetuou o drible obtenha uma vantagem espacial, e o seu time uma vantagem "numérica", já que "ultrapassou-se" um jogador adversário. O drible, além de vitória espacial e tática, também significa uma vitória psicológica sobre o adversário, dado que este, geralmente, fica em situação ridícula ao recebê-lo.

O drible é definido como um dos aspectos principais do "futebol-arte", pois o olhar do torcedor "é treinado para reconhecer um ideal estético feito de exibição, personalismo e brilho individual. Ao mesmo tempo, descobre as armadilhas da ostentação pretensiosa, que traz o ridículo e a vergonha consigo".<sup>59</sup> A improvisação, representada pelo drible, marcaria o futebol brasileiro<sup>60</sup>. Convém lembrar, porém, que o senso comum estabeleceu que "jogador pensa com os pés. Ao invés da inteligência, toda a genialidade que os craques apresentam seria fruto da intuição".<sup>61</sup>

Conforme Ricardo Benzaquen de Araújo, a personalidade do jogador de futebol também é objeto de valorações, devendo ele possuir algumas características e evitar outras, ou seja, certos aspectos formadores de personalidade são mais valorados que outros. Neste sentido, o jogador deve possuir humildade e frieza, bem como seus respectivos opostos, a confiança e a raça, sem nenhum excesso de qualquer uma dessas características. Tal excesso leva ao abatimento, à máscara, ao medo ou à violência. A categoria central deste sistema é a auto-disciplina, que, acompanhada da dedicação ao trabalho e à evitação de vícios e prazeres constitui o ideal ascético que é esperado do jogador

---

<sup>59</sup> VOGEL, Arno. Op.cit., p.112.

<sup>60</sup> O repertório de jogadas que compõe o chamado "futebol-arte" é bem variado: bate-pronto, bicicleta, calcanhar, chapéu, embaixada, embaixo-das-pernas, folha-seca, lençol, de letra, dar olé, puxeta, rosquear, trivela etc são nomes de algumas jogadas desse repertório. Porém, também existem no futebol brasileiro o carrinho, o frango, o sarrafo, a tesoura, a pisada-na-bola etc, que não são jogadas definidoras do "futebol-arte", mas que são nomeadas e que também estão presentes em qualquer partida do nosso futebol.

<sup>61</sup> GUEDES, Simoni Lahud. "O Salvador da Pátria – Considerações em Torno da Imagem do Jogador Romário na Copa do Mundo de 1994". Op.cit., p.39.

profissional.<sup>62</sup> A nação, portanto, deixa-se transparecer pelas valorações colocadas naquilo que convencionou-se chamar de “futebol-arte”. Haveria, supostamente, o “verdadeiro brasileiro, carnaval, futebol, etc. O que for considerado como exterior à esta Verdade é julgado perturbador de sua pureza e visto como anômalo, anacrônico, injustificado, deletério e mesmo ‘criminoso’ quando portador de algum vírus culturalmente letal para a Essência amada”.<sup>63</sup> É isto que ocorre, por exemplo, com o “futebol-força”.

Percebe-se, portanto, que todos estes aspectos que caracterizam a prática de futebol brasileiro são objeto de aprendizagem, culturalmente construídos, e não devem ser imputados às características “inatas” e “racialmente” herdadas de nossos jogadores. É a sociedade brasileira que transmite como deve ser a prática ideal de futebol para os nossos padrões, definindo quais são os valores dominantes que regem o nosso futebol, bem como a imagem da nação por ele representada. O futebol, ou pelo menos torcer por uma equipe de futebol é uma “aula de nacionalismo” que no caso do Brasil, além de substancializar-se na torcida pela seleção nacional, evoca características raciais para a sua auto-identificação, essencializando-se.

Porém, a nação é também um projeto coletivo, onde direitos e deveres são cruciais. Ou seja, a nação é (re)construída e atualizada continuamente, a partir de seus critérios de pertencimento coletivo, e de acordo com “posições” desejadas para os sujeitos sociais ocuparem, na coerência dessa coletividade. Os discursos construtores da nação no futebol brasileiro são um exemplo disso. Passamos agora a demonstrar que além dos códigos hierárquicos raciais, a imagem da nação construída pelo futebol brasileiro também tem por base os códigos de gênero e de sexualidade, conforme elaborados pelas relações de gênero existentes no Brasil.

### **Uma simbólica da Masculinidade**

O futebol também contém um destacado drama de virilidade e de masculinidade. O confronto simulado com uma bola, entre duas

---

<sup>62</sup>cf ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Op.cit., pp.50-62.

<sup>63</sup>FLORES, Luiz Felipe B.N. “Futebol, os Jogos...”. Op.cit., p.17.

Gênero e raça: a Nação...

comunidades representadas por elementos masculinos, que é inclusive compartilhado pelos torcedores, constitui uma forma de ritual viril. Conforme Eco, "o futebol está para o adulto masculino como o jogo de mamãe para as meninas: um jogo pedagógico que ensina a manter seu próprio lugar".<sup>64</sup> O futebol pode ser entendido, portanto, como um complexo de rituais de iniciação, que abrem acesso à virilidade adulta. "É nas brincadeiras infantis de pelada (...), que o menino é socializado no futebol".<sup>65</sup>

Existem várias teorias a respeito da identificação nacional do futebol como *locus* masculino. Da Matta acha que isto deve ser entendido no contexto geral das relações entre gêneros no Brasil, onde o futebol e a política, não são assuntos que possam ser apreciados por mulheres: "fala-se de dinheiro e de mulheres, mas se discute futebol e política".<sup>66</sup> Luiz Felipe B. N. Flores, também essencializa a questão, explicando-a pela virilidade do jogo: "futebol é coisa para homem", opinião compartilhada por Arno Vogel.<sup>67</sup> Já Simoni Lahud Guedes acha que o motivo está no fato de que para se gostar de futebol, é necessário que se entenda de futebol, o que só é conseguido através da prática. O desinteresse da mulher pelo

---

<sup>64</sup>ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p.231.

<sup>65</sup>GUEDES, Simoni Lahud. "Subúrbio: Celeiro de Craques". In: DA MATTA, Roberto *et alii*. *Universo do Futebol...*. Op.cit., p.64. Armando Nogueira escreveu uma crônica que retrata bem isto: "Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande. (...) cada menino que chega é grama nova que floresce no campo. Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-afrito da multidão. (...) Chege para ficar, menino-que-chega, porque é aqui que está a bola - a bola da minha, da tua, da nossa infância; aqui está a bola branca que, rolando, descobre o céu" ("Menino-que-chega". In: NOGUEIRA, Armando. *Bola na Rede*. Op.cit., pp.73-74). De fato, no futebol brasileiro, "os valores dramatizados são, em princípio, os valores do mundo masculino. (...) A machesa é atributo essencial da personalidade masculina entre nós" (VOGEL, Arno. Op.cit., p.98).

<sup>66</sup>DA MATTA, Roberto. "Esporte na Sociedade...". Op.cit., p.27.

<sup>67</sup>FLORES, Luiz Felipe B.N. "Na Zona do Agrião. Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol". In: DA MATTA, Roberto *et alii*. *Universo do Futebol...*. Op.cit., pp.54-55; e VOGEL, Arno. Op.cit., pp.98-99.

futebol se explicaria pela raridade de sua prática feminina.<sup>68</sup> Podemos usar estas explicações como ponto de partida para um reflexão mais profunda sobre esta questão de gênero no futebol brasileiro.

Para Anatol Rosenfeld, pioneiro dos estudos sobre futebol no Brasil, a popularidade do futebol no Brasil poderia ser parcialmente explicada pelo favorecimento que ele proporciona à coordenação motora, e como consequência disto, a identificação. Isto curiosamente aconteceria porque

todo menino e todo homem (isto é, a criança ou o bárbaro que há nele) tem a tendência de impelir para a frente, com o pé, latas e cascas de fruta que estão no caminho. A reação natural do homem (não do burguês assentado e, em nossa cultura, quase nunca da mulher) é devolver com o pé uma bola que rola para ele.<sup>69</sup>

Esta representação erudita da mulher perante a bola, apesar de possuir um caráter discriminatório, é muito significativa, e é também encontrada na crônica esportiva. Nelson Rodrigues, um dos maiores cronistas desportivos brasileiro de todos os tempos, e grande intérprete de representações populares no futebol, até criou uma personagem a "grã-fina de narinas de cadáver", que, ao entrar num estádio de futebol, perguntava ao seu acompanhante "quem é a bola?". Apesar do exagero desta representação, ela aponta para a falta de conhecimento das regras de futebol pela maioria das mulheres, o que significa que toda a "intimidade" com a bola só seria possível por um indivíduo do sexo masculino, neste tipo de representação popular. De qualquer forma, a identificação é reforçada pelo sentimento do torcedor masculino de que "também pode", pois praticamente só ele participa diretamente do futebol. Existe ainda, para o universo masculino, uma possibilidade de distanciamento crítico, como nas falas comuns de que "não teria chutado fora", "em virtude do que, por outro lado, é estimulada uma co-participação ainda mais apaixonada"<sup>70</sup>,

---

<sup>68</sup> GUEDES, Simoni Lahud. "Subúrbio: Celeiro de Craques". In: DA MATTA, Roberto *et alii*. *Universo do Futebol...*. Op.cit., pp.62-63.

<sup>69</sup> ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba...*. Op.cit., p.94.

<sup>70</sup> Id., *ib.*, p.95.

## Gênero e raça: a Nação...

apenas do homem. Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. A mulher geralmente acompanha o futebol em função de que homens próximos (marido, pai, irmão, namorado etc) o fazem. Essa é a posição desejável para o feminino prescrita, através do futebol, como exigência para uma unidade viável da totalidade composta por homens e mulheres na construção da nação, pois a nação é também um projeto. Aponta para uma realização, para um objetivo. Ao atualizar o gênero, o futebol também atualiza a nação, como veremos a seguir.

Conforme Vidal e Souza, as narrativas de construção da nação “formulam um enredo capaz de acomodar na totalidade político-cultural mensagens relativas ao caráter da cidadania especificamente masculina e feminina. Homens e mulheres recebem tarefas civis diferenciadas, cuja definição pressupõe um conceito de gênero: os atributos do masculino e do feminino que indicam as atribuições apropriadas às suas capacidades e habilidades”.<sup>71</sup> Enquanto forma dramática, o futebol também permite a elaboração dos dilemas estruturais da sociedade, discutindo-os de forma pública e coletiva. Conforme Da Matta, “se o futebol é bom para ser visto, ele também serve para dramatizar e para colocar em foco os dilemas de uma sociedade”.<sup>72</sup> Neste sentido, Da Matta sugere que “o futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”.<sup>73</sup> A sociedade está no jogo, e vice-versa. Assim, no futebol praticado no Brasil, para Da Matta, está projetado um conjunto de temas que são básicos à sociedade brasileira. A liberdade de escolher um time, ou um ídolo, é exercitada por indivíduos que, constantemente, têm a sua vida previamente definida por uma sociedade hierarquizada. Cabem as perguntas quanto à inclusão, nestas reflexões, das hierarquizações socio-econômicas e das contidas nas relações de gênero: Será que a mulher participa desta “aula de democracia” engendrada pelo futebol no Brasil? Ou mesmo no âmbito

---

<sup>71</sup> VIDAL E SOUZA, Candice. “Brasileiros e Brasileiras...”. Op.cit., p.8.

<sup>72</sup> DA MATTA, Roberto. “Esporte na Sociedade...”. Op.cit., p.32.

<sup>73</sup> Id., ib., p.40.

masculino, será que a obediência às regras são mais importantes que o inconformismo da derrota?

As regras futebolísticas e a sua reelaboração coletiva são vistas por Da Matta, e por outros, como permitindo o exercício da função ética, indispensável à vida em sociedade. É durante o jogo, e no calor das emoções, que se revelam o certo e o errado, expressos pelos gestos e apitos do juiz. O juiz é quem expressa, mas todos os jogadores e espectadores participam da discriminação do que seja certo ou errado. As normas futebolísticas são “supostamente” de conhecimento de todos, sendo acionadas, normalmente quando são transgredidas. Ao pressupor uma igualdade inicial, o futebol ofereceria uma aula de democracia e igualdade, onde as regras valem para todos, trivializando, assim, vitória e derrota. Não cremos que a derrota seja tão bem aceita pelos torcedores. Para os adeptos do futebol, somente a vitória interessa, devendo a derrota ser evitada a todo custo, independentemente do cumprimento das regras. No futebol vale aquela máxima de que as “regras existem para serem quebradas”. Da Matta esquece-se que apesar de o Juiz possuir a “visão oficial” do jogo, os torcedores podem ter outras, e freqüentemente as têm. O que é considerado certo ou errado é uma definição pessoal, individual, sendo que as derrotas são constantemente explicadas pelos torcedores como “uma roubalheira”, ou seja, uma falha (para o torcedor, proposital) no cumprimento das regras. O que é trivializado seria, portanto, a quebra das regras, o que, aliás, qualquer jogador de futebol faz, nem que seja escondido do árbitro. Daí não acreditarmos que o futebol ofereça uma “aula de democracia”, pois, além da derrota, a vitória também não é fonte de igualdade, tampouco é um fenômeno trivial para o torcedor, como veremos adiante. Apesar do grande valor das suas observações quanto à missão cívica do futebol, Da Matta também esquece de considerar a mulher em sua análise, o que a torna valiosa representação erudita deste aspecto do futebol. Além disso, segundo Da Matta, o futebol no Brasil ajuda na coletivização, e é força integrativa capaz de proporcionar ao povo pobre e destituído a experiência da vitória e do êxito. Porém, estas representações eruditas só são aplicadas ao universo masculino, e em diferentes níveis de envolvimento emocional e material nestas vitórias e êxitos, pois o discurso dos dirigentes e da maioria da crônica esportiva “terminantemente exclui os torcedores da **responsabilidade** de interferirem nos processos decisórios e

Gênero e raça: a Nação...

no arranjo institucional do futebol administrado e jogado profissionalmente".<sup>74</sup> Desta forma, o futebol está perfeitamente adaptado à lógica do mercado, afirmando valores capitalistas básicos como o individualismo ("livre" escolha de times e ídolos) e o igualitarismo (lei "vale" para todos), porém, dentro de quadros hierárquicos (sócio-cultural, econômico e, inclusive, de gênero).

Contudo, enquanto instituição, o futebol, como qualquer esporte, requer algum acordo quanto à aceitação da "visão oficial" das partidas, para que haja coerência nas disputas de campeonatos. Esse acordo é novamente uma demonstração que o futebol revela a nação, pois esta, enquanto projeto coerente, também necessita de acordos quanto a regras, normas, corpos jurídicos etc.<sup>75</sup> As regras, portanto, ocupam um lugar de suma importância nas representações do futebol. Segundo Da Matta, é justamente "no momento em que a regra não pode ser cumprida, ou em que ela é levada até as últimas consequências, é que se forma o momento mágico que imortalizamos. (...) Muito do que se discute sobre futebol diz respeito à aceitação das regras do jogo como normas universais, e às consequências disso quando sua aplicação é realizada de modo automático pelo juiz da partida".<sup>76</sup> Os torcedores devem, a exemplo dos jogadores, saber perder, porém, conforme mostramos anteriormente, os juizes e bandeirinhas são freqüentemente considerados culpados pela derrota de um time. O acatamento de suas decisões, e o acordo quanto ao conjunto de regras válido representam um projeto (em potencial) de nação (ou de relações internacionais).

Entrando na relação gênero/nação, Freud também percebeu uma clara vinculação do esporte com a sexualidade, ao afirmar que  
la educación cultural moderna se sirve, como es sabido, del deporte en gran escala para desviar a la juventud de la actividad sexual; sería más correcto decir que sustituye el placer sexual por el placer del movimiento, con lo cual hace

---

<sup>74</sup> TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Op.cit., p.149.

<sup>75</sup> A emergência da cidadania integrando os indivíduos, num projeto de nação, acontece em função de seu nivelamento a partir das leis da nação.

<sup>76</sup> DA MATTA, Roberto. "Esporte na Sociedade...". Op.cit., pp.15 e 35.

retroceder la actividad sexual a una de sus componentes autoeróticas.<sup>77</sup>

Vinnai também vai tratar este aspecto baseando-se, justamente, na psicanálise. Para ele, as mudanças verificadas ao longo das partidas, por exemplo, entre passividade e atividade, ataque e defesa, do sentimento de onipotência ao sentimento de fracasso vergonhoso, correspondem, *mutatis mutandis*, aos sentimentos ambivalentes da puberdade, e à etapa de resolução do conflito edipiano, dominada, nos indivíduos do sexo masculino, pelo "modo da penetração", ou "pulsão de dominação".<sup>78</sup> O futebol, ao engendrar este tipo de situação, dirimiria o conflito edipiano com o pai, pois que as situações de ataque e de defesa, tanto no futebol como no conflito edipiano, permitem a identificação com papéis paternos. Vencer um inimigo no futebol significa uma auto-afirmação simbólica da própria potência.<sup>79</sup> É isto que parece caracterizar a representação do ataque como conquista sexual de um corpo feminino defendido por outros homens, conforme veremos a seguir.

Uma outra visão sobre este assunto vem de Norbert Elias. Segundo ele, o confronto de futebol, bem como de outros esportes que exigem esforços corporais, satisfaz uma necessidade básica induzida socialmente de uma necessidade humana. O combate do futebol serve para satisfazer uma necessidade de excitação deleitante, semelhante ao sexo. Assim, o esporte produziria uma agradável excitação de luta<sup>80</sup>, o que parece ser endereçado aos homens. Na relação entre homens, é comum a busca da vitória física, ou simbólica de um homem sobre o outro, o que não acontece

---

<sup>77</sup> FREUD, S. "Die Infantile Sexualität". Citado em VINNAI, Gerhard. Op.cit., p.36.

<sup>78</sup> Trata-se de "uma tendência que o sujeito possui para dominar a si próprio, saindo da passividade, e, secundariamente, dominar o outro. Mas como a sociedade 'civilizada' proíbe a violência e a brutalidade (manifestações do sadismo), o 'jeito' é apelar-se para o jogo, para o esporte: um artil bem montado, que permite dar vazão a todos os instintos reprimidos no inconsciente, através da fantasia. Tudo é 'como se fosse'." DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e Poder*. Op.cit., p.97.

<sup>79</sup> cf. VINNAI, Gerhard. Op.cit., pp.95 e ss.

<sup>80</sup> cf. ELIAS, Norbert. "Introdução". In: ELIAS, N. e DUNNING, E (orgs.). *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel, 1992, pp.94-95.

Gênero e raça: a Nação...

na relação com e entre mulheres. Às mulheres são endereçados outros "jogos".

A identificação do futebol como *locus* masculino, no Brasil e em outros países, também pode ser explicada a partir das simbolizações sobre as partes "futebolísticas" do corpo humano.<sup>81</sup> Tal explicação deve ser complementada com uma reflexão sobre uma construção cultural: a associação, feita em alguns países, entre alguns esportes e a virilidade masculina. Eric Dunning alertava para este fato, ressaltando que o prêmio à força física leva ao desenvolvimento da masculinidade em determinadas esferas da vida social.<sup>82</sup> Segundo Dunning, "O próprio jogo de futebol é a representação de um confronto que se baseia, no fundamental, na expressão da masculinidade, embora de uma forma que é aprovada e controlada socialmente".<sup>83</sup> No futebol, de fato, existe uma exibição agressiva dos atributos da masculinidade.

O futebol pertence a uma categoria de esportes que tem como um dos ingredientes centrais a aceitação social de expressões ritualizadas de violência física. De fato, numa partida de futebol acontece a simulação de um confronto, onde as equipes são autorizadas, até certo ponto, a praticar a violência, representando uma luta. O futebol pode ser caracterizado, portanto, como um encontro de opostos, onde o conflito comunitário é admitido, exercido e subordinado a um fim pacífico. "A proposição do jogo é a de um combate: penetrar no campo do adversário para atingí-lo no seu último reduto"<sup>84</sup>, que, na linguagem futebolística, é eufemisticamente

---

<sup>81</sup>Há uma forte conotação sensual/sexual envolvendo as "partes lícitas" da prática do futebol. Além da sensualidade óbvia das pernas, cintura e quadris, o pé também é elaborado sexualmente. Existe um fetiche em relação aos pés que dificilmente ocorre com as mãos. Nas representações populares, o pé parece ter um sentido de virilidade, pois que um jogador que tenha pé pequeno é representado como "pé de moça", enquanto que o homossexualismo feminino é denominado pelo termo "sapatão", ou seja, que tem pés grandes.

<sup>82</sup>cf. DUNNING, Eric. "O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações". In: ELIAS, N. e DUNNING, E (orgs.). *A Busca da Excitação*. Op.cit., pp.399 e ss.

<sup>83</sup>Id., ib., pp.409-410.

<sup>84</sup>VOGEL, Arno. Op.cit., p.80.

conhecido como "a meta". As regras do futebol, como de outros esportes semelhantes, são destinadas, em parte, a limitar a violência, e a colocá-la em termos socialmente aceitáveis.

Vinnai, por exemplo, atenta para o fato de que

a pesar del apaciguamiento de la violencia excesiva, el fútbol posibilita, como casi ningún otro deporte, la descarga de agresividad mediante el aparato muscular. Ya el acto de patear la pelota encierra gran agresividad. Una medida aún mayor de agresividad moviliza el hecho de que la misma no se orienta sólo contra la pelota sino también contra el ocasional adversario o todo el equipo rival.(...) Es al rival a quien se trata de herir si no literalmente por lo menos sí en el sentido de que quiere inferírsele una derrota.<sup>85</sup>

Isto é endereçado ao universo masculino, pois todos os esforços dos jogadores de uma equipe se direcionam a barrar as ações dos adversários em busca do triunfo (a 'violação' de seu próprio gol), e em impor a sua própria vontade (a 'conquista' do gol do adversário). Pode-se também perceber que existem algumas normas de masculinidade no futebol, tanto entre jogadores, como entre torcedores, que enfatizam a capacidade de luta e a "garra". Estas mesmas formas de masculinidade podem ser encontradas, em um outro grau, nas expressões tradicionais de masculinidade nas sociedades que praticam o futebol de forma preferencial. A virilidade masculina é exaltada em ambas as esferas, por exemplo, em torno da idéia de rudeza, ou seja, de "não se levar desaforo para casa", na aceitação e no controle da dor, e na ausência de sentimentalismos durante lutas duras.<sup>86</sup> O futebol engendra, além da

---

<sup>85</sup>VINNAI, Gerhard. Op.cit., p.122.

<sup>86</sup>Segundo Nelson Rodrigues, "para o torcedor é uma delícia perceber, pelo olfato, que não há marmelada, conto-do-vigário: – os jogadores estão realmente suando a camisa, aos borbotões" ("Nero Jones". In: RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em Chuteiras*. Op.cit., p.10), ou ainda, sobre um jogador que "deixou que lhe fraturassem a perna para evitar um gol. Foi um belo, um lindo suicídio" ("Rapasódias de Valdo". Id., ib., p.32), "O lutador (referindo-se aos jogadores) é feito de coragem, vontade e sacrifício" ("A Chama das Três Cores". Id., ib., p.143).

Gênero e raça: a Nação...

agressividade já citada, uma boa dose de elementos masoquistas, ao exigir obediência (às regras, aos árbitros etc) e eventual sofrimento, provocado pela dor de um ferimento, ou pela tensão do jogo.<sup>87</sup>

A própria violência nos estádios de futebol pode ser melhor entendida em relação com a construção da masculinidade, nas grandes cidades brasileiras. Em primeiro lugar, deve-se salientar que as confusões entre torcedores de futebol, dentro dos estádios ou fora deles, não é exclusividade de nenhuma época ou locais específicos.<sup>88</sup> A tensão mimética, e o descontrolado de emoções que o esporte propicia, nos termos de Elias, nem sempre são controlados. A partir do momento que o futebol presta-se a ser fonte de identificação, ele também corre o risco de ter a reprodução do conflito simulado dos jogadores entre os torcedores, sob forma de violência física. Por isso o futebol é separado do tempo e espaço cotidianos.

O fenômeno atual de exarcebamento dos confrontos entre torcedores não pode simplesmente ser imputado ao futebol, ou às torcidas organizadas. Os grandes centros urbanos brasileiros, onde geralmente acontecem tais confrontos, são marcados cotidianamente pela violência. A grande concentração de migrantes e os altos níveis de desigualdade social, característicos destes centros urbanos, faz com que haja uma quebra dos antigos e tradicionais vínculos de solidariedade, sendo as comunidades imaginadas representadas pelas torcidas de futebol uma das poucas alternativas, não a única, para a realização de vínculos semelhantes. Além disso, a grande maioria dos torcedores que vão aos estádios é formada por jovens do sexo masculino, com idade entre 14 e 25 anos, ou seja,

---

<sup>87</sup>"Se for preciso, ele (o jogador) dará a cara para o inimigo chutar" ("O escrete da coragem". Id., ib., p.45.). Para o senso comum, levar um chute no rosto defendendo suas cores é prova de amadurecimento para os grandes triunfos, por parte do jogador.

<sup>88</sup>Conforme Flores, "a violência - como o futebol - não são 'coisas-em-si', reificadas, consensuais, consabidas. A análise da violência no futebol será fatalmente redutora se supuser que há duas 'entidades' - a violência e o futebol - distintas cujas articulações só poderão ser claramente discerníveis se a 'identidade' de cada 'entidade' for preservada. Esta posição, mesmo que possa aparentar cuidado com a história, é basicamente a-histórica porque retira da observação crítica a genealogia dos termos que entroniza e fixa (violência e futebol, no caso)". FLORES, Luiz Felipe B.N. "Da Construção do Conceito de Violência". In: *Futebol e Cultura Brasileira...* . Op.cit., pp.14-15.

indivíduos que estão constantemente expostos às mais variadas manifestações de violência, que tornou-se um dos assuntos da mídia que mais provocam fascínio, e que encaram a violência como uma forma de auto-afirmação da própria masculinidade. Como as grandes cidades brasileiras vivem um processo de banalização da violência, e como a experiência do êxito no futebol exige a exaltação de algumas formas de masculinidade, inclusive via violência física, a reprodução violenta de um confronto simulado torna-se, ela mesma, um espetáculo para a mídia, realimentando o fascínio que a mesma provoca entre os jovens do sexo masculino, e tornando-a, eventualmente, incontrolável.<sup>89</sup>

É comum os torcedores enaltecerem a sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma suposta falta de virilidade, passividade e feminilização dos adversários, principalmente nas suas manifestações coletivas, como nos xingamentos.<sup>90</sup> Além disso, no Brasil, o senso comum estabeleceu que "futebol é coisa pra homem", e que exige seus sacrifícios, como por exemplo, uma certa abstinência sexual dos jogadores antes das partidas. Diríamos que não é só o sexo, mas a mulher

---

<sup>89</sup>Conforme Toledo, "a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol". TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas Organizadas...* . Op.cit., p.32.

<sup>90</sup>O palavrão, segundo Nelson Rodrigues, viriliza, além de ser ingrediente essencial de uma partida de futebol. "Eis a verdade: - retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível" ("Bocage no Futebol". In: RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo, Cia das Letras, 1993). Além disso, "os palavrões invariavelmente trazem a temática da sexualidade (...) geralmente, nos cantos que se prestam à auto-afirmação e ao incentivo, os palavrões usados exaltam atributos masculinos de potência, virilidade. (...) Nos cantos de protestos e intimidação os palavrões são opostos e exprimem, de maneira jocosa, a passividade sexual e, em decorrência deste estereótipo, a subordinação e fraqueza tanto dos jogadores, dirigentes, árbitros, polícia, quanto dos torcedores adversários". TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas Organizadas...* Op.cit., pp.65-66. Ver também "Por Que Xingam os Torcedores de Futebol?". *Cadernos de Campo* (3), São Paulo, IBICT, 1993 e "Transgressão e Violência entre Torcedores de Futebol". *Revista USP* (22), São Paulo, USP, 1994.

Gênero e raça: a Nação...

também é representada como algo que deve ficar fora do futebol, apesar de fazer parte da cultura do futebol, nem que seja por negação (“mulher como não-futebol”).

Como a nação é representada no futebol como uma irmandade passional, ela é obrigada, para encontrar a si mesma, a distinguir sua própria homosociabilidade da mais explicitamente sexualizada relação entre homens, o que requer a identificação, o isolamento e a contensão do homossexualismo masculino.<sup>91</sup> Por exemplo, os árbitros de futebol são as figuras mais desprezadas pelo público, que constantemente atribui-lhes o rótulo de homossexuais, dado que a sua posição no espetáculo é dotada de uma ambiguidade: o árbitro está entre público assistente e jogador. De fato, o árbitro participa e interfere nas partidas, mas não as joga, sendo seu corpo considerado zona neutra<sup>92</sup>, necessitando, por isso, ser decidido, e possuir “personalidade”<sup>93</sup>. Os árbitros são também os únicos personagens do futebol que possuem uma outra carreira profissional paralela. Eles também são diferencialmente identificados pelo uniforme, que é quase um traje civil, destacando-se dos padronizados uniformes dos jogadores. Por tudo isto, qualquer desvio de sua conduta é prontamente taxado de manifestação feminilizante, homossexual, ou então de desvio de caráter.

Da mesma forma, os goleiros também são personagens ambíguos no futebol, dado que é só a eles que é permitido pegar a bola com as mãos

---

<sup>91</sup>Conforme Nadja Sampaio, os meios de comunicação procuram “mostrar ao grande público que o futebol, ‘esporte de macho’, é uma instituição séria, com uma moral rigorosa. O jogador é sempre mostrado com seus familiares, no seu dia-a-dia, para que haja identificação da parte do torcedor”. SAMPAIO, Nadja. “O Esporte na Televisão”. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e Poder*. Op.cit., p.66.

<sup>92</sup>“Haverá castigo maior que não poder chutar uma bola que lhe roça as pernas mil vezes durante hora e meia?” (“O juiz, em tese”. In: NOGUEIRA, Armando. *Bola na Rede*. Op.cit., p.114).

<sup>93</sup>Na verdade, reclamar do juiz faz parte dos encontros de futebol. Tanto jogadores como torcida possuem, no juiz, um ponto de escape, e de justificativa para os seus insucessos. Já Nelson Rodrigues em 1956 ressaltava que “a arbitragem normal e honesta confere às partidas um tédio profundo, uma mediocridade irremediável. Só o juiz gatuno, o juiz larápio dá ao futebol uma dimensão nova e, se me permitem, shakespeariana. O espetáculo deixa de se resolver em termos chatamente técnicos, táticos e esportivos. Passa a ter uma grandeza específica e terrível!” (“Um Gol cravado no peito do inimigo”. In: RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em Chuteiras*. Op.cit).

(dentro de sua grande área), sendo também diferencialmente uniformizados. Dado que o arremesso com os pés tem uma conotação mais viril do que com as mãos, a vantagem de pegar e arremessar a bola com as mãos feminiliza e inferioriza os goleiros perante os outros jogadores. Além disso, um goleiro só pode ser substituído por outro. Devido a esta vantagem de pegar a bola com as mãos, o goleiro é frequentemente responsabilizado por gols sofridos pela sua equipe.<sup>94</sup> Também é o goleiro o representante máximo, em uma equipe, dos fatores sorte e azar. Assim, do goleiro também exige-se firmeza e personalidade entre seus atributos, e também qualquer deslize seu é considerado falta de masculinidade e de virilidade, ou também desvio moral, pois ele está ali para defender a sua "cidadela", que é simbolizada como um corpo feminino familiar.<sup>95</sup> Exploremos agora essa questão.

De acordo com a obra *Nationalism and Sexuality*, a unidade nacional tem sido modelada, numa grande variedade de culturas nacionais, sob normas de gênero e de sexualidade. No caso de guerras ou de auto-afirmação nacional, por exemplo, a terra natal é descrita e imaginada como um corpo feminino, cuja violação por estrangeiros requer de seus cidadãos e aliados ir em sua defesa.<sup>96</sup> Assim, no caso do futebol, a associação com guerra além de salientar a construção da nação, reforça o apelo sexual masculino, pois o processo descrito acima é o mesmo que acontece no decorrer das partidas, quando uma equipe e, por contigüidade, seus torcedores defendem o seu campo e o seu gol (suas posses, ambas imaginadas como figuras femininas). O momento de maior envolvimento emocional de jogadores e torcedores, durante uma partida, é o momento do gol, que contém uma forte carga de conotação com a conquista sexual e com o orgasmo, como alguns locutores esportivos fazem questão de assinalar. De fato, a bola pode ser considerada um símbolo de virilidade (e de fertilidade), na medida em que ela precisa atravessar um arco, formado

---

<sup>94</sup>"Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol e, numa palavra, a derrota" ("A eternidade de Barbosa". Id., ib., p.69.). "O mais dramático no destino do goleiro é que ele está ali para negar a dimensão da profundidade" (NOGUEIRA, Armando. *Bola na Rede*. Op.cit., p.151).

<sup>95</sup>É por isso que os privilégios dos goleiros são revogados à medida em que eles se distanciam de seu gol, tornando-se um "conquistador" potencial do gol adversário.

<sup>96</sup>cf. PARKER, Andrew *et alii*. "Introduction". In: *Nationalism and Sexualities*. New York, Routledge, 1992.

## Gênero e raça: a Nação...

pelas traves, que constantemente é descrito e associado aos órgãos reprodutores femininos<sup>97</sup>, cuja violação por forasteiros deve ser evitada pelos jogadores, e por torcedores, via identificação. Ou seja, trata-se de um arranjo entre homens que deve defender a honra de “suas posses”, que são imaginadas como um corpo feminino familiar, e afirmar a sua própria potência “violando” as posses das outras alianças masculinas. A realização, e o objetivo de cada nação é o “golzo” (sic).

Por outro lado, constrói-se a representação da Nação como mulher casta, submissa e zelosa, filial ou maternal, que “deve casar-se” com o cidadão homem. Essa é uma dimensão da nação encontrada no termo “pátria”. A “pátria” é uma virtualidade, representada como a terra natal, à qual estamos ligados por laços afetivos. Poderíamos dizer que a “pátria” é a dimensão feminina e afetiva da nação.<sup>98</sup> A construção do Estado é tarefa masculina, pois a suposta “aula de democracia” que o futebol proporcionaria só a eles é endereçada. O papel feminino nesta representação é o de construtoras da nação, já que é das mulheres a tarefa de geração dos cidadãos (homens). Conforme Luiz Tarlei de Aragão, “pureza, renúncia e doação (...) estão intimamente fundidas na categoria ‘mãe’. (...) A figura da mãe (...) instaura e preside o próprio contexto fundante da família e do social”.<sup>99</sup>

A representação da nação no futebol brasileiro permite a submissão da mulher no corpo político nacional, representando neste processo os

---

<sup>97</sup>Quando um time não toma gols, diz-se, frequentemente, que o seu arco permaneceu “virgem”, enquanto que o momento do gol, para vários locutores de futebol é designado pela expressão “rompeu-se o véu-da-noiva”. “Os jogos de bola ou de argolas (...) demonstram ter uma catexis libidinal, e o simbolismo genital sempre desempenhou uma parte nessas atividades” (KLEIN, Melanie. “Contribuições à psicanálise”, citado em CARVALHO, Sandra Salomão. “Aspectos Psicossociais do Esporte”. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e Poder*. Op.cit., p.84). Gilson Gil também chamou a atenção para o fato de que o jeito brasileiro de jogar futebol, caracterizado por um “mulatismo anárquico, exprimiria sua afetividade ao tratar o jogo como tentativa de sedução entre amantes”. GIL, Gilson. “O drama do ‘Futebol-Arte’...”. Op.cit., p.103.

<sup>98</sup>No futebol brasileiro, já é famosa a expressão inventada por Nelson Rodrigues que designa o fenômeno representado pela seleção nacional em Copa do Mundo: **a Pátria em chuteiras**.

<sup>99</sup>ARAGÃO, Luiz Tarlei de. “ ‘Mãe Preta, Tristeza Branca’: Processo de Socialização e Distância Social no Brasil”. *Série Antropológica* (90), Brasília, DAN/UnB, pp.4-5.

limites das diferenças nacionais. Existe uma afinidade entre o nacionalismo trazido pelo futebol e a dominação tradicional masculina no Brasil. O futebol brasileiro, desta forma, não oferece nenhuma “aula de democracia” às mulheres do país.

O gosto por futebol demonstra que este esporte pode ser entendido, no entanto, como uma "simbólica da masculinidade" no Brasil. A memória do futebol brasileiro só existe dentro de um universo masculino. A lembrança dos ídolos do passado, às vezes de antes de quem as possui ter nascido, de partidas e de escalações de equipes, transformando-os em heróis e mitos é comum no universo masculino. Deve-se notar, que apesar de ser amplamente documentado (escrita, TV, cinema, fotografias etc), a transmissão dos mitos e das lendas do futebol é feita, em grande parte, oralmente, fornecendo um tipo de conhecimento que cria uma identidade masculina. A socialização de meninos, no Brasil, é feita, em grande parte, a partir do futebol, e de suas lembranças, sua memória. Isto também demonstra que é ao homem que o futebol está endereçado no Brasil.

Tanto as ideologias nacionalistas como o gênero são termos relacionais que baseiam sua identidade própria por estarem inseridos em sistemas de diferenças, o que faz com que o gênero torne-se uma linguagem eficaz para tais ideologias, pois

além de simbolizar a hierarquização dos cidadãos homens e mulheres, o imaginário e gênero contém as ferramentas para a essencialização de relações e posições. Pensadas como diferenças impostas pela natureza, a distinção entre o masculino e o feminino são metáforas perfeitas para a naturalização da personalidade nacional. Falar a homens e mulheres, avisando-lhes de sua missão civil, é dizer da naturalidade e imutabilidade de seus caracteres típicos como participantes de uma Nação, logo fixando-os com um tipo definido de consciência histórica, visão de autoridade e imagem de si.<sup>100</sup>

Assim, o lugar e o valor ocupado por homens e mulheres nas ideologias nacionalistas transmitidas pelo futebol brasileiro indicam que a construção da nação utiliza-se das hierarquizações contidas nas relações

---

<sup>100</sup> VIDAL E SOUZA, Candice. “Brasileiros e Brasileiras...”. Op.cit., p.9.

Gênero e raça: a Nação...

entre gêneros para estabelecer que “tipo” de cidadania é pensada para cada sexo.

### **Conclusão**

Este trabalho procurou mostrar de que forma o futebol permite a elaboração de um representação de nação modelada sob normas de raça e de gênero e sexualidade.

O futebol também pode ser entendido como uma espetáculo ritualístico<sup>101</sup> onde são representados dramas relacionados à nação, ao gênero e à raça. O fenômeno da torcida de futebol foi analisado pelo ângulo das comunidades imaginadas, sendo que ele pôde ser entendido como o de formação de nacionalidades, principalmente em se tratando do conjunto do futebol brasileiro, seja em função do selecionado nacional (a “Pátria em chuteiras”), seja em função da delimitação do “futebol-arte” como modelo ideal e como característica inclusiva da nação elaborada pelo futebol. As análises contidas neste trabalho demonstraram que alguns estudiosos do futebol brasileiro devem ser melhor entendidos como grande pensadores da nação que elaboraram representações eruditas do aludido fenômeno. Estas, porém, vão ao encontro das representações populares nas explicações sócio-biológicas de definição do caráter nacional do futebol, que é então definido como um fato “natural”, e não um fato advindo da sociedade e da cultura.

Algumas representações eruditas também acompanham as representações populares na simbólica da masculinidade imputada ao futebol. As diferenças sexuais, ao serem valoradas, configuram relações de gênero que favorecem à construção e à comunicação de diferenças colocadas sobre outros rótulos, como as impostas pela construção da nação, de forma que os potenciais classificadores do gênero otimizam as narrativas do nacionalismo no futebol brasileiro.

O “fenômeno” da “Pátria em Chuteiras” serve para exemplificar o que afirmamos nesta parte deste trabalho. Apesar de “pátria” ser um substantivo feminino relacionado à nação (representada como uma figura feminina, como vimos), e de ser imaginada como uma figura materna (a

---

<sup>101</sup> Sobre a concepção do futebol como espetáculo ver SOUZA, Marcos Alves. “A Nação em Chuteiras...”. Op.cit.

“mãe-pátria”), ela tem um radical que liga ao mundo masculino (de paternidade), e ao parentesco.<sup>102</sup> Além disso, o fato dela estar usando chuteiras significa que está pronta para jogar futebol, o que quer dizer que a nação simboliza e representa o conjunto dos cidadãos homens do Brasil que comungam imaginariamente de uma unidade em torno de sua auto-afirmação da própria potência, e da defesa de sua “frágil e indefesa” nação, representada como uma mãe. Em outras palavras, o pai simbólico dos cidadãos brasileiros que deve calçar chuteiras para defender (a mãe de) todos os brasileiros, bem como para demonstrar sua potência frente outras pátrias e nações estão fundidos no termo **“a pátria em chuteiras”**.

A essencialização do nacionalismo brasileiro no futebol pôde ser observada a partir da sua semantização em bases raciais e de gênero, o que também serviu para a hierarquização dos personagens do futebol brasileiro, prescrevendo-lhes posições desejáveis na construção da imagem ideal e vitoriosa da nação. Este trabalho mostrou também que o negro é representado como o “bailarino da bola” que fundaria, na sua “essência negra”, o nosso valorizado “futebol-arte”. Às mulheres cabe um papel de coadjuvantes neste processo de afirmação masculina da nacionalidade via futebol.

---

<sup>102</sup> ANDERSON, Benedict. Op.cit., p.156.

Gênero e raça: a Nação...

### **GENDER AND RACE: THE NATION CONSTRUCTED BY BRAZILIAN'S SOCCER**

#### **Abstract**

In this work I analyse the 'essentialization' trend in the building of the image of Brazilian Nation through soccer, both in common-sense and among the authors who have dealt with the theme, who will be analysed as producing representations of the building of Nation's image. Potential classifiers of gender and race optimize narratives of nationalism in Brazilian soccer and amplify the essentialist content of National identity transmitted by it. Trying to highlight pretense 'substances' of Brazilian people, Nationalist ideologies demarcate the sense of 'being part of' an ideal and mastering Nation, making the Brazilian style of soccer, known as futebol-arte' (artistic soccer) a derivation of supposed characters genetically inherited by Brazilians of African origin. Also, in establishing sex-differentiated kinds of citizenship, Brazilian soccer devise and transmit differences imposed by the building of Nation from gender relations.